

# OPINIÃO SOCIALISTA



Nº591

De 3 a 17  
de Junho de 2020  
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



[www.pstu.org.br](http://www.pstu.org.br)



@pstu



Portal do PSTU



@pstu\_oficial



VIDAS NEGRAS IMPORTAM

**EUA: REBELIÃO NO  
CORAÇÃO DO CAPITALISMO**  
A SAÍDA É REVOLUCIONÁRIA: DE RAÇA E CLASSE!

QUARENTENA GERAL  
PRA VALER JÁ!

**FORA  
BOLSONARO  
E MOURÃO!**

JUSTIÇA PARA GEORGE FLOYD E JOÃO PEDRO

PELA VIDA,  
EMPREGO, RENDA  
E LIBERDADES  
DEMOCRÁTICAS



**PDF INTERATIVO** - CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE



# páginadois

## CHARGE



## 195 alunos com COVID-19

Em meio à pandemia, muitas escolas militares, alinhadas com a política assassina de Bolsonaro, mantiveram o funcionamento normal das aulas. Uma delas é a escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR) em Barbacena, que prepara futuros pilotos da Aeronáutica. O resultado é que pelo menos 195 alunos testaram positivo para COVID-19. Destes, 90 estão em isolamento na instituição. Os outros 105 já se recuperaram e foram para casa. O Ministé-

rio Público Federal (MPF) emitiu uma recomendação ao diretor da escola para suspender imediatamente todas as aulas e demais atividades acadêmicas presenciais. O MPF investiga a conduta da instituição militar após pais de alunos terem denunciado que o local estaria submetendo os estudantes a risco de contágio pelo novo coronavírus. A denúncia foi feita ao órgão pelo Conselho Tutelar de Barbacena em abril e encaminhada ao MPF.



## Falaram muita besteira



“Eu não vou esperar foder a minha família toda de sacanagem ou amigo meu, porque eu não posso trocar alguém da segurança na ponta da linha que pertence a estrutura nossa. Vai trocar! Se não puder trocar, troca o chefe dele! Não pode trocar o chefe dele? Troca o ministro! E ponto final! Não estamos aqui pra brincadeira.”

**JAIR BOLSONARO.**

A frase deixa óbvio que ele queria salvar seus filhos e amigos investigados em várias falcaturas pela Polícia Federal.

“Precisa haver um esforço nosso aqui, enquanto estamos neste momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID, e ir passando a boiada, e mudando todo o regramento, e simplificando normas.”

**RICARDO SALLES,**

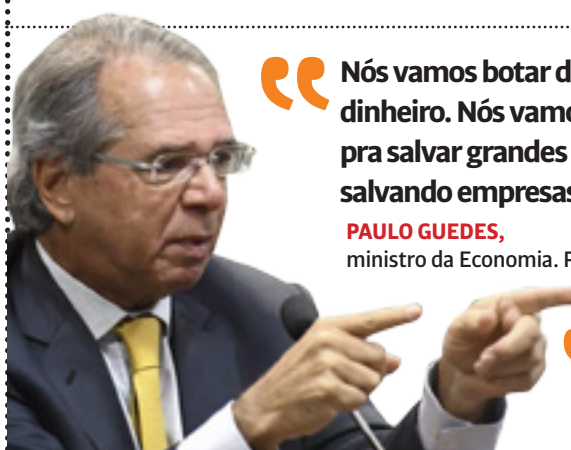
ministro da destruição do Meio Ambiente. Dias depois, Salles demitiu funcionários que atuavam contra madeireiros em terras indígenas.



“Nós vamos botar dinheiro, e... vai dar certo e nós vamos ganhar dinheiro. Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos pra salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas.”

**PAULO GUEDES,**

ministro da Economia. Para ele, os pequenos negócios têm de quebrar.



“Tem que vender essa porra logo.”

**PAULO GUEDES,** sobre o Banco do Brasil

“Odeio o termo ‘povos indígenas’, odeio esse termo. Odeio o ‘povo cigano.’”

**ABRAHAM WEINTRAUB,** o supermal-educado ministro da Educação

**Todas essas frases são da reunião ministerial do governo realizada no dia 22 de abril.**



## Expediente

**Opinião Socialista** é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

**JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555)

**REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

**DIAGRAMAÇÃO** Fabrício Last e Victor “Bud”

**IMPRESSÃO** Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

**WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

**(11) 9.4101-1917**

**opinio@pstu.org.br**

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



# Os sentidos da luta

“Não consigo respirar”, disse George Floyd. Vidas negras importam, e a luta contra o racismo e a desigualdade social incendiou o coração do capitalismo. O país mais rico e poderoso do mundo, além de epicentro da COVID-19, agora também é o epicentro da luta de classes no mundo.

Os horrores do capitalismo têm cara de barbárie e se manifestam na pandemia, no desemprego, na miséria e na opressão que mata João Pedro no Rio de Janeiro, George Floyd em Minnesota e dizima os povos indígenas na Amazônia.

No Brasil, já são mais de 30 mil mortos pela COVID-19. E justo agora, com recorde de contágio e morte, os governadores capitulam ao presidente e aos grandes empresários e flexibilizam o isolamento social que já era insuficiente. Caminhamos para o colapso do sistema de saúde.

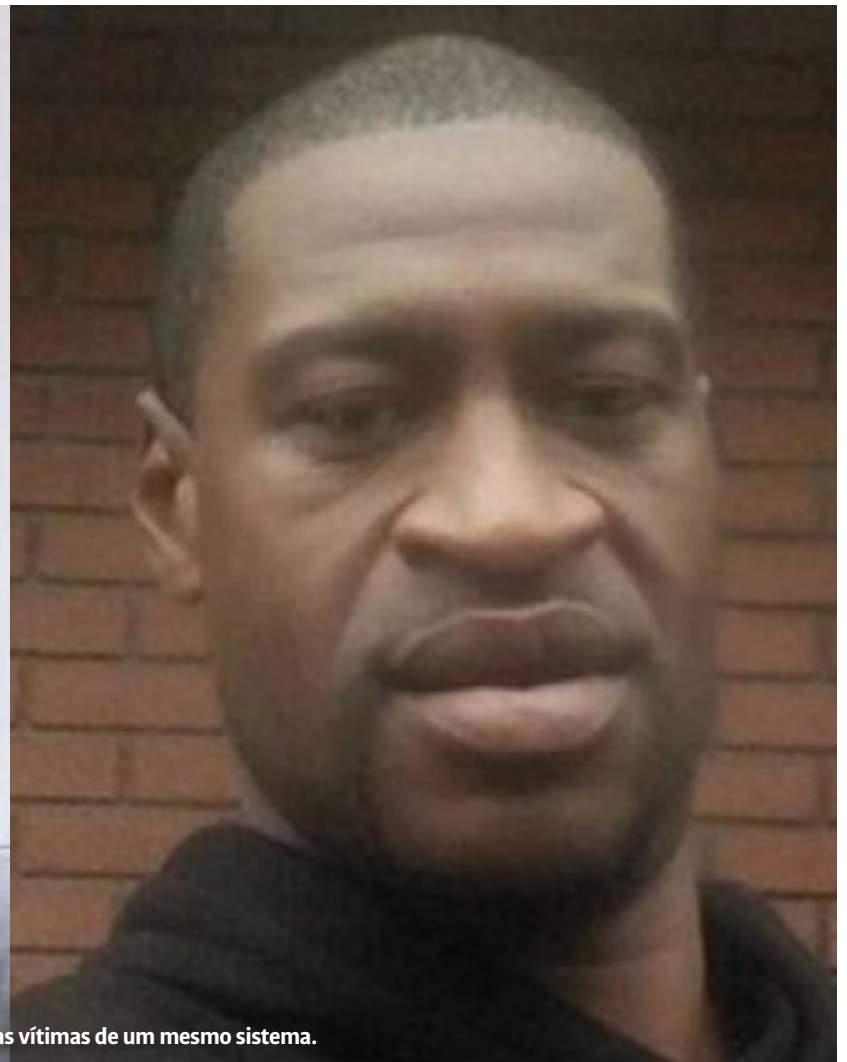
## AUTORITARISMO E AMEAÇA DE “GOLPE”

Junta-se a tudo isso o deboche e a provocação do governo de extrema direita de Bolsonaro e Mourão. Faz manifestações que pedem ou ameaçam intervenção militar, organiza um setor paramilitar armado, os 300 de Brasília. Quanto mais isolado, mais aumenta a escalada de discursos autoritários. O general Heleno, do GSI, ameaçou golpe em nota, enquanto Eduardo Bolsonaro disse que não se trata de “se”, mas de “quando” vai haver uma “ruptura”.

Já o capitão-do-mato que assumiu a Fundação Palmares, em áudio vazado, disse que o “movimento negro é uma escória maldita”.

## A LUTA, AS MANIFESTAÇÕES DE RUA E OS “MANIFESTOS”

Funcionários dos Correios de São José dos Campos (SP) paralisaram as atividades depois que dois deles testaram positivo para a COVID-19. A esposa de um dos contaminados morreu. Os trabalhadores dos serviços essenciais estão atu-



João Paulo e George Floyd, duas vítimas de um mesmo sistema.

ando sem segurança, enquanto outros milhões dos serviços não essenciais são obrigados a trabalhar e a usar transporte público, aumentando a curva de contágio. Além disso, a patronal está reduzindo salários e direitos, aproveitando-se da pandemia e do desemprego.

É por tudo isso que, para a maioria, sob Bolsonaro, não vai dando mais para respirar, e, com os ventos dos EUA, os atos de rua ressurgiram. Essas manifestações são muito progressivas, uma reação às reiteradas provocações de Bolsonaro e de seus apoiadores e à apologia que estes setores fazem de símbolos racistas e fascistas.

Em plena escalada da pandemia, porém, as manifestações precisam se preocupar com o distanciamento social, além de usar máscaras. Pessoas de grupos de risco não devem participar. Também precisam absorver as demandas da classe trabalhadora e dos setores oprimidos. Além do “Fora Bol-

sonaro e Mourão”, é preciso defender quarentena geral com emprego e renda para salvar vidas, justiça para João Pedro, fim do racismo e da violência contra pobres e negros e contra as ameaças às liberdades democráticas.

## UNIDADE PARA LUTAR

Além dos atos, surgiram dois manifestos. Um de juristas, denominado “Basta”, e outro assinado por personalidades e artistas, “Estamos Juntos”, assinado por políticos como Marcelo Freixo e Guilherme Boulos (PSOL), Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Fernando Haddad (PT), Flávio Dino (PCdoB), Luciano Huck, Frei Betto, Lobão, entre outros. O texto afirma: “Como aconteceu no movimento Diretas Já, é hora de deixar de lado velhas disputas em busca do bem comum. Esquerda, centro e direita unidos para defender a lei, a ordem, a política, a ética, as famílias, o voto, a ciência, a

verdade, o respeito e a valorização da diversidade.”

O PT, depois de assinar o manifesto, lançou um vídeo de Lula questionando tal assinatura, dizendo não ser um “Maria vai com as outras”, alegando que tal manifesto não fala nada da classe trabalhadora, que tem gente que apoiou o impeachment de Dilma e que não quer reconhecer a força do PT.

O fato é que nem esses políticos nem Lula estão a favor de uma verdadeira campanha e de uma mobilização unificada de massas como foram as “Diretas, já”, para botar para fora Bolsonaro.

Ao mesmo tempo, refletem distintos projetos de frente ampla eleitoral, cujas diferenças são menos de projetos e mais de disputa de poder. Mesmo o PT governou por 13 anos o Brasil com um programa capitalista não muito diferente do PSDB, apenas em circunstâncias diferentes. Tampouco agora defendem um projeto tão

antagônico, basta ver a política que PT e PSDB aplicam nos estados.

Se à classe trabalhadora e à juventude interessam fazer toda unidade na luta para derrubar Bolsonaro, do ponto de vista de projeto de país e de governo, não interessa nenhum desses projetos capitalistas. Lula acha que tudo que devemos almejar é uma renda mínima de R\$ 600. Sem dúvida, se quiserem tirar até os R\$ 600, devemos defendê-lo. Mas não queremos seguir com esse país desigual em que 1% de bilionários controla 80% da economia, enquanto metade do povo não tem sequer saneamento.

Queremos outra forma de sociedade, com pleno emprego, sem exploração, sem racismo. Uma sociedade socialista. Um governo socialista dos trabalhadores, que governe por meio de conselhos populares.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/2ZO5X93](https://bit.ly/2ZO5X93)



TEORIA

# Reforma ou revolução em tempos de pandemia

A situação para os trabalhadores na pandemia recoloca o debate sobre a questão da reforma e da revolução

**JOSÉ WELMOWICKI,**  
DE SÃO PAULO (SP)

**O**s Estados Unidos, país mais poderoso do capitalismo, é incapaz de evitar a situação que se abate sobre sua população. Os 100 mil mortos da pandemia já são um número maior que o das guerras do Vietnã, da Coreia e do Afeganistão. O cenário é devastador: os dados são piores que a crise de 1929. Naquela época, houve 9% de desemprego. Hoje já são 25%, 38 milhões de desempregados e 27 milhões de indocumentados que não possuem seguro-desemprego, pois não têm direitos de nenhuma espécie.

O problema, contudo, atinge todo o globo. Os países imperialistas e não imperialistas e o capitalismo só apresentam saídas que atacam os trabalhadores. Os planos dos governos capitalistas falam em salvar a economia, mas são para salvar os setores

monopolistas da burguesia, bancos e grandes empresas.

Nesse momento, uma questão chave volta à ordem do dia: é possível que se possa garantir a todos ao menos a vida sob o capitalismo? É possível o acesso a conquistas básicas da civilização, como a eliminação da fome, acesso à água, saneamento, saúde para toda a humanidade? O capitalismo tem possibilidade de, por meio de uma evolução gradual, chegar a uma sociedade socialista? É possível, assim, reformar o capitalismo?

Essa disjuntiva, “reforma ou revolução”, ou como traduziu Rosa Luxemburgo, “socialismo ou barbárie”, é um tema presente. Neste artigo, vamos examinar a origem dessa discussão entre os socialistas. Em textos futuros, analisaremos como ela continuou até os dias de hoje.

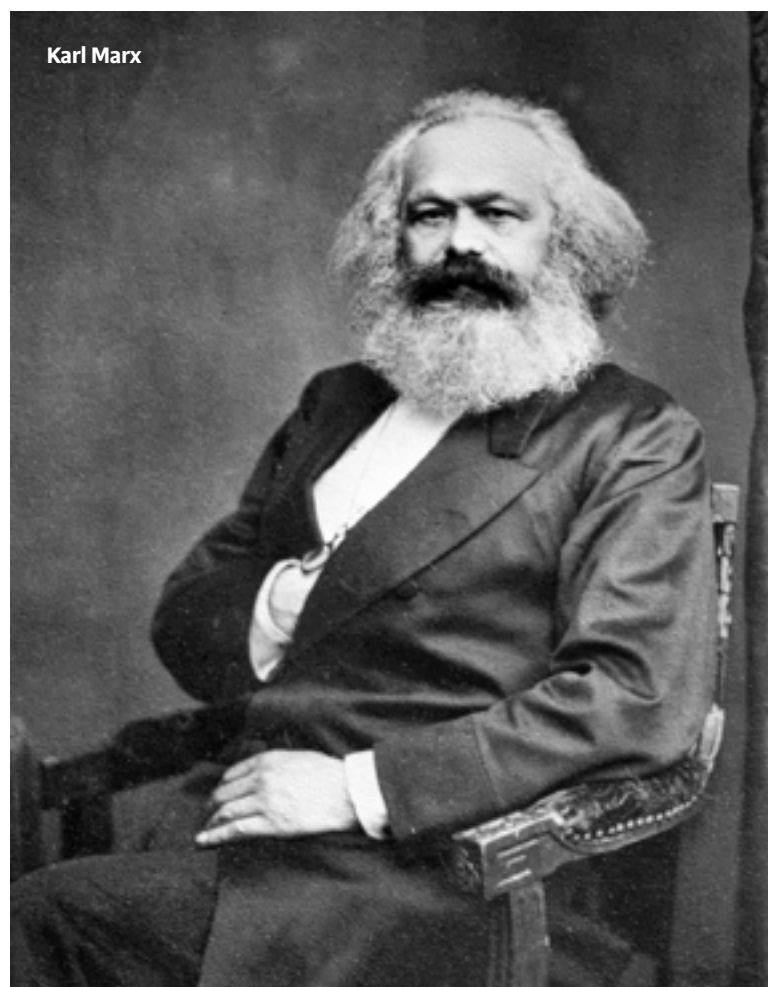
**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://BIT.LY/2XU9QIS](https://bit.ly/2XU9QIS)



Rosa Luxemburgo, pioneira no enfrentamento do reformismo nas fileiras da social democracia.

PRIMÓRDIOS

## A discussão entre os primeiros socialistas



Karl Marx

**N**o Manifesto Comunista, Marx e Engels dedicam um capítulo à “Literatura socialista e comunista” e definem cinco correntes que elaboraram teses e influenciavam as visões naquela época: 1) os socialistas feudais, que idealizavam a sociedade feudal e se reduziam à medida que o capitalismo avançava; 2) o socialismo pequeno-burguês, que expressava a reação da pequena burguesia e de camadas médias arruinadas pela burguesia e propunham voltar no tempo, o que era utópico e reacionário nas palavras de Marx e Engels; 3) o socialismo burguês ou conservador, que desejava “a sociedade atual sem os elementos que a revolucionam e a dissolvem”; para Marx, essa corrente não conseguia superar a visão do “pequeno-burguês oscilando constantemente entre o capital e o trabalho, entre a economia política e o comunismo”, e era contra os movimentos políticos da classe operária; 4) o so-

cialismo alemão ou “verdadeiro socialismo” um pensamento típico da pequena burguesia alemã que refletia a realidade econômica da sociedade alemã daquele momento, ainda desenvolvida de forma insuficiente em termos capitalistas; opunha-se à burguesia, mas de modo semelhante ao socialismo, colocava-se contra a irrupção política dos operários; 5) os “socialistas utópicos” – como Fourier e Owen –, cujas teorias eram antecipações geniais, mas ao aparecer antes das condições econômicas e sociais estarem desenvolvidas, não viam um papel revolucionário para o proletariado, mas apenas como classe oprimida e pobre; por isso buscavam convencer a todas as classes, inclusive a burguesia, de suas teses; opunham-se, assim, a todo movimento político próprio dos operários naquele momento.

Ao lado dessas doutrinas, havia uma questão central para o programa que se expressaria já a partir do século 19: os operá-

rios devem buscar tomar o poder como classe ou podem e devem governar junto com a burguesia ou setores progressistas dela? Louis Blanc, um socialista francês, aceitou entrar no governo burguês saído da revolução de 1848 como ministro do Trabalho. Foi o primeiro exemplo histórico de participação de dirigentes socialistas em governos da burguesia e Marx dedicou a ele duras críticas em seu *As lutas de classes na França*.

Em 1899, a polêmica em torno à participação de ministros socialistas em governos burgueses, o ministerialismo, dividiu a II Internacional socialista quando o partido francês, por meio da ala de Jaurès, aceitou indicar Millerand.

Rosa Luxemburgo escreveu um texto teórico condenando essa posição e explicando como a participação num governo burguês significava o abandono da visão marxista do Estado e da revolução socialista.



# A crise da social-democracia: Bernstein e Rosa Luxemburgo



Lenin na Revolução Russa

O primeiro grande esforço teórico para apresentar uma elaboração em defesa das reformas como caminho para o socialismo foi de Eduard Bernstein no SPD (Partido Social-Democrata) alemão em 1899. Sua visão também defendia a cidadania como substituta da luta pela emancipação do proletariado. “A social-democracia não deseja romper a sociedade civil e fazer de

todos seus membros proletários; na verdade, ela trabalha incessantemente para elevar o trabalhador da posição social de proletário para a de cidadão e, portanto, para tornar a cidadania universal”, dizia.

Essa concepção, como lhe respondia Rosa Luxemburgo, significava aceitar a sociedade burguesa como horizonte: “quando [Bernstein] utiliza a palavra cidadão referindo-se tanto ao burguês como ao proletário, querendo com isso, referir-se ao homem em geral, identifica o homem em geral com o burguês e a sociedade humana com a sociedade burguesa.” Por isso, recusava a revolução socialista como um caminho blanquista ou, ainda, “terrorista”.

Bernstein considerava a democracia como “ausência de um governo de classe. Isso indica um estado em que nenhuma classe tem o privilégio político”. Assim, cada governo eleito seria o responsável por implementar o seu programa de acordo com a classe que representasse. Para ele o caminho para o socialismo passava pela democracia e pela implementação gradual de reformas. Bastaria ao partido operário triunfar nas eleições.

Como Rosa Luxemburgo afirmava em Reforma e revolução,

essa posição contrariava toda a concepção marxista do Estado e se identificava com os socialismos utópicos e reformistas que Marx e Engels combateram. Afinal, Bernstein se colocava de forma explícita contra o programa marxista de revolução socialista e de tomada do poder, acusado por ele de terrorista.

A Primeira Guerra Mundial transformou essa questão teórica em questão política: a social-democracia alemã e a maioria esmagadora da II Internacional votaram o apoio a seus governos burgueses para entrar em guerra (os créditos de guerra), colocando os operários de seu país para combater e matar seus irmãos de outros países. Foi o abandono de um princípio básico do movimento operário desde a I Internacional, expresso na frase: “Proletários do mundo inteiro, uni-vos.” Uma traição que custou a vida a milhões. Bernstein ficou associado a essas traições e derrotas históricas e, por essa razão, os novos setores que assumiram a mesma posição dele, em geral, não o reivindicam.

## KAUTSKY E O REFORMISMO “DE CENTRO”

Frente à Primeira Guerra Mundial, não foram somente os seguidores

de Bernstein que apoiaram suas burguesias para que entrassem em guerra. Em nome da “defesa da pátria”, os principais dirigentes abandonaram os princípios e inclusive o compromisso político do Manifesto de Basileia, de lutar contra a guerra e seus governos, votado pela II Internacional dois anos antes.

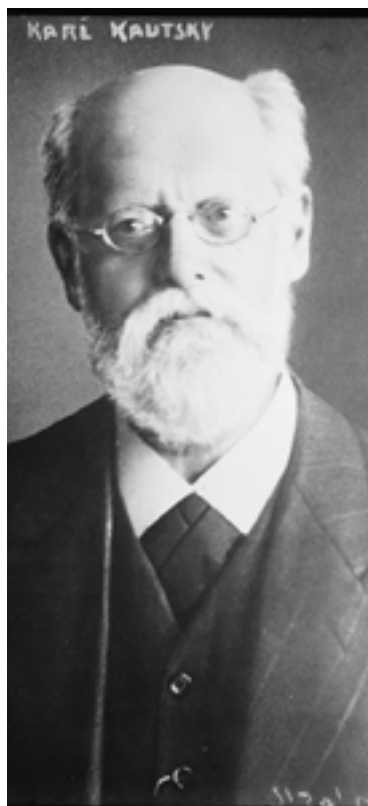
O teórico mais destacado da II Internacional, Karl Kautsky, participou dessa virada e do abandono da posição marxista. Uma ala bem minoritária havia resistido a essa traição. Nela estavam Lenin, Rosa Luxemburgo, Trotsky, entre outros, que mantiveram a posição revolucionária contra a guerra. Quando as trágicas consequências da guerra em vidas e miséria abriu uma crescente indignação, levando à eclosão da Revolução Russa em fevereiro de 1917, os bolcheviques, liderados por Lenin, chamaram a preparar a revolução socialista que se efetivou em outubro.

Em outubro, os soviets tomaram o poder sob a direção dos bolcheviques. Kautsky encabeçou o combate contra os bolcheviques, alegando que os soviets não deveriam tomar o poder e sim, entregá-lo à Assembleia Constituinte. A

natureza pró-burguesa da posição reformista consistia, então, em ficar contra a revolução proletária na Rússia. Essa mesma posição de Kautsky se materializou na revolução alemã que eclodiu no fim da guerra, na qual se formaram os conselhos operários, semelhantes aos soviets, influenciados pela revolução Russa. Ele defendeu que os conselhos operários não tomassem o poder e se subordinassem à Assembleia Constituinte. Essa posição, vitoriosa no congresso dos conselhos, levou à derrota a revolução alemã.

Lenin fez uma dura polêmica com ele nos livros O Estado e a revolução e A revolução proletária e o Renegado Kautsky e afirmava que, por utilizar uma terminologia marxista para defender posições reformistas, “Kautsky era pior que Bernstein”.

Lenin considerou morta a II Internacional e chamou a formar a III Internacional Comunista para agrupar os revolucionários. A social-democracia se transformou numa federação de partidos reformistas que participam de governos burgueses como regra geral, cumprem um papel de aparatos contrarrevolucionários, defensores do Estado burguês e administradores do capitalismo.





## CRISE POLÍTICA

# Em meio ao acirramento da polarização, cresce oposição a Bolsonaro

**DIEGO CRUZ,**  
DA REDAÇÃO

No dia em que o Brasil batia recorde diário de mortes pelo novo coronavírus, Bolsonaro fez questão de mostrar seu desprezo pela vida da população: “É o destino.” Essa política genocida que transformou o governo num pária internacional está fazendo efeito. As últimas pesquisas mostram um crescimento do rechaço ao seu governo num contexto de aumento da polarização.

A pesquisa Datafolha divulgada no dia 29 de maio revela que os que consideram Bolsonaro ruim e péssimo saltou de 35% em março para 50%. Um recorde, ainda que sua base de apoiadores continue nos 27%. Essa balança, contudo, começa a pender de forma mais acentuada para o lado da oposição, puxando os que consideravam o governo regular, que caíram de 25% para 22%.

### CRISE SE APROFUNDA

Bolsonaro se vê imerso numa tripla crise: sanitária, econômico-social e política. Por um lado, conseguiu colocar o Brasil no epicentro da pandemia, a

ponto de Trump ordenar a proibição da entrada de qualquer um que tenha passado pelo país. Por outro, o programa ultraliberal de Paulo Guedes se mostra, no atual contexto, cada vez mais impraticável. Estimativas dão conta de que a economia vai cair perto de 10% este ano, algo inédito em nossa história.

Por fim, o cerco na Justiça vai se fechando, tanto em relação ao escândalo envolvendo seu filho 01, o agora senador Flávio Bolsonaro, milicianos e as rachadinhas, quanto em relação às investigações sobre o gabinete do ódio e sua rede de fake news em massa dirigida pelo 02, o vereador Carlos Bolsonaro. Essa situação fez precipitar a crise política ao ser o estopim para a saída do então ministro Sérgio Moro.

### ENTRE MILITARES, GUEDES E O CENTRÃO

Sem Moro, o bolsonarismo perdeu uma das pernas que o sustentavam. As investidas da Justiça, por sua vez, provocaram como reação uma nova onda de ameaças de golpe, como a de Eduardo Bolsonaro, que disse que uma ruptura não era

mais questão de “se”, mas de “quando”, e do ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), general Augusto Heleno, que alertou que uma possível apreensão do celular de Bolsonaro traria “consequências imprevisíveis”.

O governo se sustenta em parte pelo apoio da cúpula militar, que entrou em massa no governo, acomodou-se e, pelo visto, gostou do ambiente. Não é difícil entender o motivo, só em obras de infraestrutura, as Forças Armadas estão levando mais de R\$ 1 bilhão em contratos.

Por outro lado, o empenho de Paulo Guedes em atacar os direitos dos trabalhadores, aproveitando-se da pandemia para impor nova rodada de reforma trabalhista, por exemplo, garante ainda apoio de um setor do empresariado e do sistema financeiro. Sem falar em sua obsessão privatista tão bem exposta na reunião ministerial em que soltou um “tem que vender essa porra” ao se referir ao Banco do Brasil.

Ao mesmo tempo em que Bolsonaro continua, de forma hipócrita, bradando contra o “sistema” a fim de manter sua base fiel de apoio, flertando



com o golpismo, no Congresso Nacional investe pesadamente no centrão, unindo-se aos ex-presidiários Roberto Jefferson (PTB) e Valdemar da Costa Neto (PL). Busca, com isso, garantir uma base no Congresso e bloquear qualquer eventual

pedido de impeachment.

É um governo enfraquecido, mas ainda perigoso, que mira as liberdades democráticas sempre que acuado e está disposto a levar sua política genocida até as últimas consequências.

## VELHA POLÍTICA

### O CENTRÃO VAI AS COMPRAS

Moeda de troca no Congresso Nacional, Bolsonaro acabou de entregar o Banco do Nordeste ao centrão. O novo presidente, indicado de Valdemar da Costa Neto, é Alexandre Borges Cabral, investigado por corrupção na Casa da Moeda em 2018. Já o PP de Ciro Nogueira levou o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão do MEC com um orçamento de R\$ 30 bilhões. Sobrou até para um assessor de Geddel Vieira, aquele em cujo apartamento foram encontrados R\$ 51 milhões. O amigo de Geddel vai comandar o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

## FORA BOLSONARO E MOURÃO

# Protestos contra o governo começam a tomar as ruas



PSTU se faz presente nas manifestações contra Bolsonaro e seu projeto de ditadura

Diante da paralisia da oposição parlamentar frente aos ataques de Bolsonaro, tanto à vida, ao emprego e aos direitos quanto às liberdades democráticas, um setor das torcidas organizadas de São Paulo deu um primeiro passo chamando um protesto na Av. Paulista no último dia 31. A manifestação foi reprimida de forma dura pela Polícia Militar e contou com um amplo apoio popular.

No Rio de Janeiro, ocorreu um protesto no mesmo dia,

capitaneado também pelo movimento negro e inspirado na onda de insurreição que toma os EUA e na série de execuções praticadas pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, como no caso do menino João Pedro. Ato contra o governo e o genocídio do povo negro também ocorreram em Curitiba e em Manaus ao longo da semana.

**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://BIT.LY/3EOLHOV](https://bit.ly/3EOLHOV)



## VERDADES EXPLÍCITAS

# Reunião expõe as entranhas de um governo que odeia pobre

## Confisco e “granada” para trabalhadores; R\$ 1 trilhão às grandes empresas



DA REDAÇÃO

A reunião ministerial divulgada por determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) mostrou todo o desprezo do presidente e de seus subordinados com a grande maioria da população, sobretudo os mais pobres que estão morrendo pela COVID-19 e sofrendo com o desemprego, a fome, a miséria e a perda de direitos.

Os únicos momentos para tratar das medidas econômicas em relação à “codiv” (termo pelo qual Bolsonaro chamou a doença diversas vezes, mostrando que nem o nome da moléstia ele sabia) foi para discutir sobre como restringir ainda mais o auxílio, tirar direitos, beneficiar grandes empresas e privatizar.

### “PRECISAMOS ELEGIR O PRESIDENTE”

O discurso do posto-Ipiranga, o ministro da Economia Paulo Gue-

des, expôs toda a crueldade do governo. Falando de forma contrariada em relação ao auxílio-emergencial, Guedes disse: “vamos fazer o discurso da desigualdade, vamos gastar mais, precisamos eleger o presidente”. Para Guedes, o auxílio (que o governo queria a princípio que não fosse nem os míseros R\$ 600, mas R\$ 200) não é uma medida para possibilitar que as pessoas fiquem em casa, mas uma concessão de caráter eleitoral e que precisa terminar o mais rápido possível.

É por isso que mais de 10 milhões de pessoas ainda esperam uma resposta sobre o pedido do auxílio num momento em que elas já deveriam estar recebendo a segunda parcela. Dos 107 milhões de inscritos, segundo a Caixa Econômica Federal, apenas 68 milhões ficaram aptas a receber. Isso joga luz sobre o fato de que, mesmo nas regiões onde houve alguma medida de distanciamento social, não ocor-

reu de forma eficaz. Como fazer com que as pessoas fiquem em casa pagando a miséria de R\$ 600 a uma parte e deixando outras 40 milhões simplesmente sem nada?

### CONFISCO DO AUXÍLIO

Além de negar a ajuda a milhões, Bolsonaro sancionou uma lei que obriga parte dos beneficiários a devolver o auxílio no ano que vem. Quem declarar rendimento no Imposto de Renda maior que o teto de isenção, de R\$ 28,5 mil, e estiver recebendo o auxílio, terá cobrado esse valor no IR do próximo ano. Lembrando que o auxílio já foi negado a quem declarou esse teto no imposto de 2018.

Na prática, é um confisco do auxílio a quem recebe, em situação normal, um valor que dá pouco mais de R\$ 2 mil por mês.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/2BKXYFL](https://bit.ly/2BKXYFL)



## SERVIDORES

# “Granada no bolso do inimigo”

Outro momento em que Paulo Guedes expôs o seu ódio contra os trabalhadores foi quando se referiu ao congelamento salarial dos servidores, medida que o governo federal impôs aos estados em troca de repasse. “Todo mundo está achando que, tão distraídos,

abraçaram a gente, enrolaram com a gente. Nós já botamos a granada no bolso do inimigo: dois anos sem aumento salarial”, discursou.

Reafirmando que considera os servidores “inimigos”, Guedes falou que o governo tinha “três torres do inimigo”:

reforma da Previdência, juros altos e os servidores. “Estamos agora, no meio dessa confusão derrubando a última torre do inimigo”. Repare que, para ele, os aposentados do INSS, grandes afetados pela reforma, também são “inimigos”.



### BB: “TEM QUE VENDER ESSA PORRA”

Outro “sincericídio” de Guedes foi a reafirmação da sua obsessão em privatizar. Se antes ele já havia declarado, sempre que pôde, sua intenção em vender tudo, agora ele disse de forma mais direta e informal. “O BNDES e a Caixa, que são nossos, públicos, a gente faz o que a gente quer. Banco do Brasil, a gente não consegue fazer nada, e tem um liberal lá. Então, tem que vender essa porra”, afirmou antes de se virar ao presidente do banco, Rubem Novaes, e o incitar: “Confessa o seu sonho.” Sob risadas, Bolsonaro aconselhou Novaes: “Faz assim: só em vinte e três você confessa”, referindo-se à privatização.

### “VAMOS PERDER DINHEIRO SALVANDO EMPRESAS PEQUENINHAS”

O posto Ipiranga deixou registrado ainda seu desprezo pelas pequenas empresas. “Nós vamos ganhar dinheiro usando recursos públicos para salvar grandes companhias. Agora, nós vamos perder dinheiro salvando empresas pequenininhas”, disse. Isso explica a razão pela qual o governo está deixando as pequenas empresas à míngua nesta crise. De R\$ 1 trilhão em crédito liberado pelo governo, só 5% foi destinado às micro e pequenas empresas. Desse naco, nem metade chegou a elas. As pequenas e médias empresas concentram 54% dos empregos formais.

Como se isso não bastasse, enquanto fechávamos esta edição, o governo anunciava uma alteração na política de créditos às empresas: liberou a demissão de metade do quadro de funcionários. Se o dinheiro do governo não vai para as pequenas empresas nem se destina à manutenção dos empregos, qual o objetivo? Se você pensou nos lucros dos grandes empresários, acertou.

FORA BOLSONARO E MOURÃO

# Política genocida de Bolsonaro põe Brasil no centro da pandemia

Enquanto fechávamos esta edição, o país ultrapassava os 500 mil casos confirmados de COVID-19 e quase 30 mil mortes, com uma curva ascendente de contaminação e óbitos. Considerando a subnotificação, já são milhões de contaminados e um número de mortes que é no mínimo o dobro do anunciado. Quando você estiver lendo, estes números já serão bem maiores, reafirmando o Brasil como epicentro da pandemia.

Esse é o resultado direto da política genocida do governo Bolsonaro. Desde o início da pandemia, o governo tratou de esconder, minimizar e mentir sobre a real dimensão dessa crise. Elegeu a cloroquina como solução mágica para a COVID-19, contrariando todas as pesquisas, nacionais e internacionais, sobre a eficácia do medicamento, que traz sérios efeitos colaterais. O objetivo é mandar um recado à população: pode sair às ruas que, caso fique doente, tem remédio.

Ele próprio tenta ser um modelo, desrespeitando propositalmente qualquer medida de distanciamento social e provocando aglomerações. É uma política de causar confusão na cabeça da população

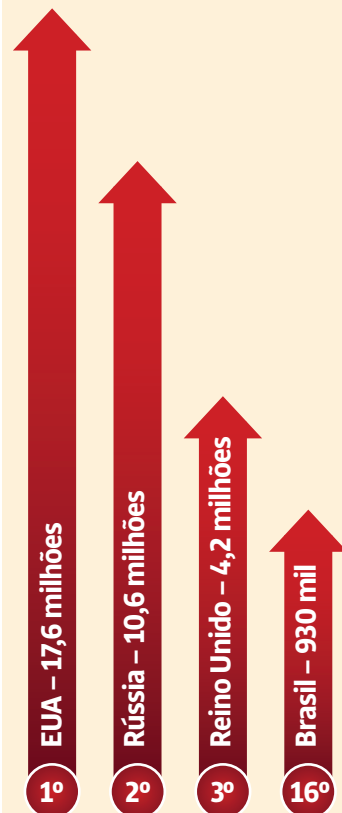
a fim sabotar as medidas de quarentena insuficientes adotadas nos estados.

Para proteger os lucros dos banqueiros e dos grandes empresários, Bolsonaro transforma o Brasil numa grande vala a céu aberto, usando o povo, sobretudo os mais pobres, como bucha de canhão. Segundo projeção da Universidade de Washington, até o dia 4 de agosto, teremos 125 mil mortes, com o pico de contaminação e mortes ocorrendo em meados de julho. Esse estudo é baseado numa série

de variáveis, como capacidade hospitalar e medidas de distanciamento social. Considerando que, justo no momento mais crítico, os estados estão afrouxando as regras já frouxas, esse índice tende a subir.

## BRASIL FAZ POUCOS TESTES

### TESTES PARA COVID-19 REALIZADOS NOS PAÍSES



(Fonte: Worldmeters COVID-19)

## DAVA PARA EVITAR

### BRASIL TEM 55 VEZES MAIS MORTES QUE ARGENTINA

Enquanto registrávamos quase 30 mil óbitos, a Argentina tinha apenas 539. Isso mostra que a grande maioria das mortes por COVID-19 aqui eram perfeitamente evitáveis. A Argentina é um país bem mais pobre, mas fez o básico do básico no trato da pandemia: lockdown com proibição das demissões. As mortes por milhão ajudam a resolver a distorção da diferença populacional entre os países: enquanto temos 138 mortes por milhão, lá são 12.

## UM GRANDE CEMITÉRIO

### BRASIL TERÁ 125 MIL MORTES ATÉ AGOSTO

1º DE JUNHO 29.341 MORTOS

4 DE AGOSTO 125.000 MORTOS

(Fonte: Universidade de Washington)

## NÚMEROS FAKE

### SUBNOTIFICAÇÃO É POLÍTICA PARA ESCONDER MORTES

Apesar de o Brasil figurar no segundo lugar no mundo em total de contaminados, com mais de 500 mil casos confirmados, é um dos países que faz menos testes. Até o momento, foram realizados 930 mil testes, colocando o país no 16º lugar no ranking de testagem, atrás de países como Peru (1 milhão) e Venezuela (975 mil).

Um levantamento da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em 90 cidades mostra que a subnotificação pode esconder até sete vezes o número real de casos. Ou seja, desde muito antes de fecharmos esta edição, já superávamos em muito os 1,8 milhão de casos dos EUA, assumindo o primeiro lugar no mundo em contaminação.

Já um levantamento da Folha de S.Paulo com os próprios dados divulgados pelo governo mostra que as mortes por COVID-19 são, no mínimo, 140% superiores ao número divulgado. Contando os mortos por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) que escapam da notificação de coronavírus, mas que excedem a média histórica para o período, teríamos pelo menos 72 mil mortos, ao contrário do número oficial de 30 mil até agora.

A negação na realização de testes e a subnotificação de mortes é intencional e tem o objetivo de varrer a pandemia para debaixo do tapete.

## PARA JÁ

# Quarentena geral com renda e emprego para salvar vidas!

Diante da política genocida de Bolsonaro, os governadores e prefeitos anunciam um “liberou geral” e, muitas vezes, culpam de forma hipócrita a população por não respeitar a quarentena. O problema é que essa “quarentena” decretada por eles foi desde sempre insuficiente. Não garantiu a mínima condição para que grande parte dos trabalhadores, principalmente desempregados, informais e donos de pequenos comércios, possa ficar em casa,

nem sequer os R\$ 600, que o Governo Federal dificulta ao máximo (leia mais na página 7). Pois bem, agora, em plena curva ascendente da pandemia, estão flexibilizando tudo, sendo cúmplices de Bolsonaro no genocídio descontrolado.

É preciso decretar quarentena geral já, garantindo à população emprego, proibição das demissões, salário emergencial de dois mínimos, pagamento já dos R\$ 600 de quem ainda aguarda na fila, que

Bolsonaro faz de tudo para atrasar ou não pagar. É preciso ainda que o Estado assuma os salários dos funcionários das pequenas empresas com até 20 funcionários, garantindo crédito e isenção de impostos ao setor, que concentra a grande maioria dos empregos no país e está à míngua, enquanto as grandes empresas têm todo o tipo de ajuda.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/3CVFOX](https://bit.ly/3CVFOX)





EM MEIO AO AUMENTO DE CASOS

# Governadores e prefeitos correm para abrir economia

No início da crise do novo coronavírus no Brasil, prefeitos e principalmente governadores tentaram se diferenciar da política aberrantemente genocida de Bolsonaro e passaram a adotar medidas parciais de quarentena. Seguiam um cálculo eleitoral, já que a maior parte da população (a mais pobre principalmente) é a favor de medidas de isolamento social. Decretaram um isolamento parcial por pressão de uma parte da burguesia. O comércio foi fechado, mas as indústrias não essenciais, por exemplo, continuaram funcionando a todo vapor, transformando as fábricas em focos de contaminação.

Agora, com o agravamento da pandemia e o país com uma curva de mortes quase na

vertical, as máscaras dos governadores vão caindo, e eles mostram a quais interesses realmente servem. Lembra da Itália quando morriam 700 ou 800 pessoas por dia? Se naquele momento alguém falasse que seria preciso abrir shoppings, comércio etc., certamente seria classificado como louco assassino. Pois é justamente isso que os governadores estão fazendo agora que o Brasil registra mais de mil mortes diárias.

Pressionados pelo governo Bolsonaro e pelos grandes empresários, eles anunciam a abertura da economia e o relaxamento da já relaxada quarentena. Isso coloca o país no pior dos mundos: se tivéssemos realizado uma quarentena de verdade, com os governos garantindo

condições para que a população permanecesse em casa e deixando em funcionamento só os serviços essenciais, provavelmente estaríamos vendo o número de contágios e mortes caindo.

O que se viu foi o oposto. Apenas adiaram o colapso dos serviços públicos de saúde, o que deve ocorrer com certeza com a rodada de abertura dos governadores. O governador de São Paulo, João Doria (PSDB), está à frente deste movimento. Apenas uma semana depois de enrolar sobre um possível anúncio de lockdown, ele simplesmente anunciou a “quarentena inteligente”, um nome bonito para seu “liberou geral”. Para se ter uma ideia, dos seis requisitos da Organização Mundial da Saúde (OMS) para a fle-



xibilização da quarentena, São Paulo só cumpre dois e de forma parcial. O principal deles, o controle da transmissão da doença, está longe de alcançar.

Se antes os governadores

tentavam passar uma suposta imagem de responsabilidade, agora escancaram sua verdadeira política de se lixar para o povo e mandar todos para a morte.

## CRIME

## FIM DA “QUARENTENA” E AUMENTO NA PROJEÇÃO DE MORTES

A reabertura nos estados ocorre num momento em que as projeções de mortes explodem.

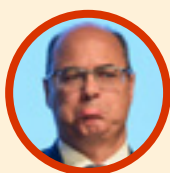
Veja a expectativa de mortes pela COVID-19 até o início de agosto.



### São Paulo - João Doria (PSDB):

Dividiu o estado em regiões com cinco fases de abertura, de azul (normal) a vermelho (quarentena restrita). Essa divisão é tão fake que a capital, centro da pandemia, está na fase 2, que autoriza abertura de shoppings e o comércio não essencial. Na prática, é o fim das medidas de isolamento.

**Mortes: 7.615 Expectativa: 32.043**



### Rio de Janeiro - Wilson Witzel (PSC):

Enquanto fechávamos esta edição, o decreto de lockdown expirava sem ser renovado. Nas cidades, porém, prefeitos já anunciavam a abertura. Na capital, o prefeito Marcelo Crivella anunciou abertura de lojas de móveis, concessionárias e até academias.

**Mortes: 5.344 Expectativa: 25.755**



### Amazonas - Wilson Lima (PSC):

No estado que chocou o país com cenas de mortos compartilhando a mesma sala de hospital com doentes, o governo anunciou a flexibilização da quarentena (em etapas) a partir do dia 1º de junho. Logo no início, templos, comércios e agências de turismo já poderiam funcionar.

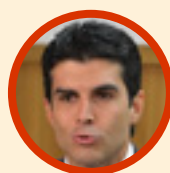
**Mortes: 2.052 Expectativa: 3.194**



### Maranhão - Flávio Dino (PCdoB):

Anunciou a abertura dos setores não essenciais, incluindo universidades e escolas a partir do dia 15 de junho.

**Mortes: 955 Expectativa: 3.625**



### Pará - Helder Barbalho (MDB):

O governador mudou a apresentação dos números de casos confirmados e mortos a fim de justificar o fim do lockdown na região metropolitana de Belém, que na verdade nunca houve de fato. A flexibilização vem num momento em que a doença se espalha pelo interior.

**Mortes: 2.923 Expectativa: 13.524**



### Minas Gerais - Romeu Zema (NOVO):

No estado em que há mais subnotificação (calcula-se que haja dez vezes mais casos que os anunciados), o governador tentou fazer a educação pública retornar em meio à pandemia, sandice felizmente derrotada pelos professores na Justiça. Com números fraudados, permite funcionamento de indústrias, comércio e até igrejas.

**Mortes: 271 Expectativa: 2.731**



### Ceará - Camilo Santana (PT):

Num dos estados que tiveram lockdown, o governo anunciava a flexibilização da quarentena a partir de 1º de junho, dividido em sete fases.

**Mortes: 3.010 Expectativa: 15.154**



REPORTAGEM

# Infecção de operários mostra descaso assassino dos patrões

**ROBERTO AGUIAR,**  
DE SALVADOR (BA)

“Já tem casos de COVID-19 nas sondas. Sinto que a empresa vem tomando pouquíssimas medidas para garantir nossa integridade aqui no campo de extração de petróleo. Já exigimos testes, mas a Petrobras afirma que não tem condições para tal. Até dez dias atrás, não tinha álcool em gel nem máscara aqui na sonda. Então estamos aqui jogados à própria sorte e aos nossos próprios cuidados.”

O relato é do petroleiro Antônio\* ao Opinião Socialista. Ele atua numa sonda de extração de petróleo no campo terrestre de Carmópolis (SE). O depoimento é o retrato da condição de milhões de operários brasileiros que estão trabalhando em meio à pandemia.

As condições dos petroleiros terceirizados são ainda piores. José, que é operador de uma sonda da Braserv, também em Carmópolis, informou que a maioria está trabalhando sem máscara. “A maioria está trabalhando sem o uso das máscaras. Estamos numa situação crítica. A empresa não está preocupada com isso, pois 80% dos trabalhadores estão com aviso prévio. E a Petrobras faz vista grossa diante dessa situação, não liga para nossa segurança”, relatou.

Essa situação se repete em outras unidades da Petrobras. Entre os dias 27 e 29 de maio, 22 petroleiros (diretos e terceirizados) desembarcaram de plataformas na Bacia de Campos (RJ) com suspeita de COVID-19. No dia 30, o petroleiro João Batista dos Santos Rangel, 55 anos, faleceu em Campos dos Goytacazes, vítima da COVID-19. Ele era empregado na terceirizada CSE Aker Solutions e há 22 anos trabalhava embarcado na Bacia de Campos.

A Petrobras não repassa os dados oficiais dos trabalhadores infectados e dos óbitos. Segundo a Agência Estado, até o



dia 19 de maio, 573 trabalhadores haviam sido infectados pelo vírus. O Ministério de Minas e Energia e a Agência Nacional de Petróleo comunicaram que deixariam de contar casos de terceirizados com COVID-19.

“A empresa nos nega o acesso aos dados oficiais. Negligência e não atende reivindicações básicas como a testagem dos trabalhadores, desinfecção dos ambientes de trabalho, fornecimento de máscaras e álcool em gel”, pontua Gilvani Alves, do Sindipetro-AL/SE e militante do PSTU. “Já entramos na Justiça, via Federação Nacional dos Petroleiros [FNP], para que a Petrobras repasse os dados aos Sindicatos”, explica.

Gilvani informa que a empresa aproveitou a pandemia para reduzir contratos e avançar as demissões de petroleiros diretos e terceirizados.

## FRIGORÍFICOS

Os trabalhadores dos frigoríficos também estão sendo contaminados em alta escala pelo novo

coronavírus. A situação exigiu uma investigação do Ministério Público do Trabalho em 61 estabelecimentos do setor em 11 estados.

Pelo menos 17 frigoríficos apresentaram casos de trabalhadores infectados. A situação é crítica em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e no Mato Grosso do Sul. As empresas BRF e JBS, gigantes do setor de alimentação, são as que têm mais infectados.

No Rio Grande do Sul, cidades com estabelecimentos do setor estão entre as mais atingidas pelo vírus. Em Caxias do Sul, 12 funcionários de um frigorífico da JBS testaram positivo no dia 29. Em Nova Araçá, registrou-se um surto de coronavírus entre os trabalhadores do Frigorífico AgroAraçá. Segundo boletim epidemiológico estadual, são 158 funcionários diagnosticados com a doença, e uma morte pela COVID-19. Em Lajeado, 501 funcionários de frigoríficos contraíram coronavírus, 296 em um frigorífico da BRF.

A irresponsabilidade das empresas é apontada como o fator principal também pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação de Concórdia e Região (Sintral), Jair Baller. “A fábrica da JBS, em Ipumirim, foi fechada pelo MPT no dia 18 de maio. A empresa não cumpriu os critérios de segurança determinados. No dia do fechamento, 86 trabalhadores já tinham testado positivo para COVID-19”, disse ao Opinião Socialista.

Os auditores fiscais encontraram alguns funcionários trabalhando mesmo depois do diagnóstico da doença. O relatório do MPT culpa as empresas por surto de coronavírus na região. Na fábrica da BRF em Concórdia, 338 funcionários testaram positivo.

“O surto se deu por não aplicar as medidas apontadas pelo MPT e pela Vigilância Sanitária. Sem contar que teve uma campanha em todo o Estado pela reabertura do comércio, o que ajudou para este caos”, destacou o presidente do Sintral.

## EM DEFESA DA VIDA

Tudo isso é responsabilidade da política genocida do presidente Bolsonaro, que tem feito tudo para manter os lucros dos patrões, mesmo à custa das vidas dos trabalhadores.

A CSP Conlutas está realizando uma campanha de forma unitária com as outras centrais em defesa da vida e dos empregos.

“A principal medida a ser adotada para salvar vidas é a quarentena total. É preciso parar tudo, não só o comércio, mas também e principalmente as grandes fábricas, que vêm tornando-se foco de contaminação nos estados. Exigir política de renda e estabilidade no emprego, para que os trabalhadores possam ficar em casa. Já nos serviços essenciais, é preciso garantir medidas de segurança aos trabalhadores”, ressalta Atnágoras Lopes, diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, membro da secretaria executiva da CSP-Conlutas.

**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://BIT.LY/3GQDCKY](https://bit.ly/3GQDCKY)



## CAMPANHA

# A necessária reestatização da **Embraer** sob controle dos trabalhadores



**HERBERT CLAROS,**  
TRABALHADOR DA EMBRAER

No dia 27 de maio, foi dado o pontapé para a luta com o lançamento da campanha pela reestatização da Embraer. O ato virtual foi organizado e transmitido pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e exigiu “Reestatização já!”.

Participaram dirigentes do PT, do PDT, do PSOL, do PCdoB, do PCB e do PSTU, além de centrais sindicais e movimentos sociais. A defesa da reestatização da Embraer esteve presente na maioria das intervenções. A campanha ganhou as ruas com um manifesto pela reestatização que já conta com a assinatura de cerca de 200 entidades sindicais, partidos e movimentos populares.

## A CRISE DO CAPITALISMO E A CONTRADIÇÃO DO DISCURSO LIBERAL

Bolsonaro e Guedes entregam empresas como Petrobras, Correios, Eletrobras e Banco do Brasil. Dizem que é necessário reduzir o tamanho do Estado na economia. Mas quando as empresas capitalistas reduzem seus lucros, o mesmo Estado atua para mantê-las com dinheiro público.

Quando a General Motors foi estatizada por Obama em 2009, que deteve 60% do controle acionário da empresa, o Estado assumiu o prejuízo para em seguida devolver o capital aos acionistas.

O mesmo está ocorrendo agora. A companhia aérea Alitalia está sendo estatizada pelo governo Italiano, e a Lufthansa receberá US\$ 9,8 bilhões do governo Alemão, que ficará com 25% de

suas ações. Aqui no Brasil, há um plano bilionário via BNDES para salvar empresas aéreas e também a Embraer. A empresa deverá fechar um empréstimo de US\$ 600 milhões com o BNDES e um grupo de bancos. Em reais, isso será mais que o dobro do que a Embraer registrou em prejuízo líquido no primeiro trimestre deste ano, que foi de R\$ 1,276 bilhão.

O projeto apresentado pelo senador Jaques Wagner (PT) vai pelo mesmo caminho: compra de ações da Embraer pelo governo. O lucro e as decisões estratégicas da empresa continuam nas mãos do capital financeiro internacional.



**VEJA O ATO VIRTUAL EM DEFESA DA EMBRAER**

**LEIA NO SITE:**  
**[HTTPS://BIT.LY/3G02U18](https://bit.ly/3G02U18)**



## SOBERANIA

# Imperialismo e a desnacionalização da Embraer

A Embraer foi vendida a preço de banana. Para entregá-la ao imperialismo, o governo assumiu US\$ 700 milhões da dívida da empresa e a “vendeu” por aproximadamente US\$ 110 milhões. O Estado absorveu, assim, a dívida que equivalia a sete vezes o tamanho da empresa.

O avião de maior sucesso da história da Embraer, o ERJ-145, de 50 lugares, foi um projeto da empresa estatal, assim como a família, os ERJ-135/145 (de 35 a 45 lugares), todos desenvolvidos pelos engenheiros da Em-

braer em 1989, quando a empresa ainda era estatal.

Quando o fundo estadunidense OppenheimerFunds se tornou o maior acionista da empresa, o investimento em novas tecnologias, a geração de empregos e o desenvolvimento da indústria nacional foram substituídos pelo ganho de dinheiro rápido e fácil pela valorização das ações.

Após a onda de demissões em 2009, os mesmos trabalhadores que recebiam salários de R\$ 3.600 foram recontraçados em 2011 por R\$ 1.504 ou até

por R\$ 960. Essa política virou uma prática de gestão de trabalhadores nos anos seguintes, junto com uma forte política antissindical.

A partir de 2015, acentuou-se a desnacionalização da produção com ampliação das plantas fora do Brasil e a contratação de fornecedores estrangeiros em detrimento de empresas nacionais. Também se iniciaram as discussões da venda para a Boeing. Os ataques aos trabalhadores, com demissões para garantir mais lucros aos acionistas, intensificaram-se.



## É POSSÍVEL

# Uma Embraer estatal sob controle dos trabalhadores



A única forma de impedir a destruição da empresa é a sua reestatização sob controle dos trabalhadores e a serviço da geração de tecnologia e desenvolvimento da indústria nacional.

Os aviões da Embraer podem ligar os rincões do Brasil com uma malha área regional de baixo custo. Isso já acon-

tece na Europa e nos Estados Unidos, onde parte da aviação regional é atendida por aviões da Embraer.

Tanto os governos do PT quanto os seus sucessores, Temer e Bolsonaro, injetaram dinheiro na empresa via empréstimos, subsídios e isenções fiscais que se convertem em juros e dividendos aos acio-

nistas, a maioria estrangeiros.

O debate sobre a reestatização da Embraer concentra a discussão sobre por qual projeto de país nós, os trabalhadores, lutamos. A submissão do Brasil às potências imperialistas está nos convertendo numa colônia agrícola, e a existência de uma empresa nacional de excelência tec-

nológica não se encaixa neste projeto.

A mudança não ocorrerá em governos que só estão comprometidos com os interesses de bancos e acionistas. É tarefa do movimento operário e social brasileiro levantar essa campanha. Essa luta é contra o governo Bolsonaro e a direção da empresa.



EUA

# Rebelião no coração do capitalismo

Onda de protestos é a mais ampla, intensa e radical desde o assassinato do ativista Martin Luther King.

**DA REDAÇÃO**

**A**s cenas de George Floyd sendo torturado por polícias até a morte chocaram os Estados Unidos e provocaram uma rebelião no país. No dia 25 de maio, um policial se ajoelhou sobre seu pescoço por quase 9 minutos, enquanto outros olhavam e Floyd dizia repetidamente “não consigo respirar”.

A brutalidade correu o mundo, e os EUA assistiram a uma rebelião que não acabou até o momento. Começou em Minneapolis, cidade onde Floyd foi assassinado. A imagem da delegacia da cidade queimada foi apenas o início de uma revolta que se espalhou como um rastilho de pólvora por pelo menos 150 cidades, dentre elas Atlanta, Denver, Nova Iorque, Los Angeles, Chicago, Oakland, São Francisco, Miami.

na história ele tinha sido usado por um presidente para se esconder da ira do próprio povo dos Estados Unidos.

Os protestos em massa tomaram às ruas para exigir justiça à Floyd, com o movimento Black Lives Matter (vidas negras importam) à frente, criado contra a violência policial nos EUA.

## REPRESSÃO E AMEAÇAS DE TRUMP

A polícia reprimiu com brutalidade os manifestantes em Minnesota e em todo o país, disparando balas de borracha, jogando granadas e gás lacrimogêneo e empregando métodos odiosos de violência e intimidação. A polícia ainda atacou e prendeu um jornalista negro da CNN que cobria os protestos. Seu colega branco que estava do lado não foi preso.

Da Casa Branca (ou do seu bunker, não se sabe), Trump

“ Em Washington, manifestantes cercaram a Casa Branca e gritaram: “**não consigo respirar**”. Trump foi obrigado a se esconder num bunker subterrâneo durante os confrontos no lado de fora, fato inédito na história do país. ”

A rebelião foi combatida por uma selvagem repressão. No Twitter, Donald Trump ameaçou os manifestantes: “Quando saques começarem, os tiros começam”. Além de ser uma grave ameaça usar tiros contra manifestantes, o recado tinha uma simbologia racista, pois a frase foi cunhada em 1967 pelo chefe da polícia de Miami, o racista Walter Headley, durante a revolta negra daquele ano.

## ESCONDIDO NO BUNKER

Na capital Washington, no dia 29, manifestantes cercaram a Casa Branca e gritaram: “não consigo respirar”. Trump foi obrigado a se esconder num bunker subterrâneo durante os confrontos no lado de fora. A última vez que um governo do país usou o dito bunker foi em 11 de setembro de 2001. Nunca

escrevia numa rede social que lançaria contra os manifestantes “os cães mais cruéis e as armas mais ameaçadoras que eu já vi”. É uma referência aos cães usados no passado para caçar escravos que fugiam. Trump também anunciou que o movimento antifascista de esquerda, Antifa, será designado como uma organização terrorista.

Pelo menos 20 Estados ativaram a Guarda Nacional para reprimir os protestos. Trump ameaçou usar o próprio exército para sufocar a rebelião. Os governadores e prefeitos decretaram estado de sítio em várias cidades. Não adiantou. A rebelião seguiu em frente num país farto da violência policial racista, que tem hoje 40 milhões de desempregados e lidera o ranking de mortes pela COVID-19.



## A GOTA QUE FEZ O COPO TRANSBORDAR

O ódio contra o racismo aumentou quando dois jovens negros foram assassinados por policiais nos primeiros meses do ano. Breonna Taylor, uma médica de emergência de 26 anos, foi baleada oito vezes quando policiais entraram em seu apartamento em Louisville, no Kentucky, no dia 13 de março. Ahmaud Arbery, 25 anos, estava correndo no sul

da Geórgia quando foi perseguido por dois homens brancos armados que suspeitaram de roubo e disseram estar tentando prendê-lo. Um deles atirou e o matou. Tudo foi filmado e ninguém foi punido.

Aliás, a impunidade reina nesses casos. Segundo o Mapeando a Violência Policial, entre 2013 e 2019, 99% dos oficiais envolvidos em assassinatos durante o serviço nos EUA não foram punidos criminalmente.

A esses casos bárbaros, somam-se centenas de outros que levaram à criação do Black Lives Matter. Não é por acaso que a onda é a mais ampla, intensa e radical desde o assassinato do ativista Martin Luther King, em 1968. Também é diferente da revolta de 1992, em Los Angeles. A onda de protestos virou um tsunami que se espalhou por todo o país.

**LEIA NO SITE:**  
[HTTPS://BIT.LY/305YPFU](https://bit.ly/305YPFU)



## DECLÍNIO DO IMPÉRIO AMERICANO

# Pandemia, crise econômica e polarização social



Já faz algum tempo que o sonho americano virou um pesadelo social. O país mais rico do mundo é o líder mundial em casos e mortes por COVID-19. Até o dia 1º de junho, o país tinha 1.847.626 casos registrados e mais de 106 mil óbitos. Enquanto isso, Trump zomba das vítimas e vai jogar golfe.

A pandemia escancarou as brutais e profundas desigualdades sociais do país, em questões de raça, gênero, pobreza e desinformação. As mortes pelo vírus são maiores entre negros e negras. Embora representem apenas 13% da população nos EUA, os negros são 52% dos contaminados e 58% dos mortos por COVID-19. Além disso,

a polícia também prende e assedia negros e negras por violar as ordens de confinamento mais do que os brancos, como ficou evidente em Nova Iorque.

Trump desprezou totalmente a pandemia e ainda despreza as suas vítimas. Em 27 de fevereiro, dia da primeira morte por COVID-19, disse que o vírus desapareceria, como em um “milagre”. Depois falou que o vírus era uma invenção da China para enfraquecer os EUA. Em seguida, defendeu tratamentos perigosos, como o uso da cloroquina, e recomendou até o uso de desinfetantes. Alguns seguiram as recomendações de Trump e morreram.

Trump também estimulou protestos (majoritariamente brancos) que exigem a reabertura da economia.

Em Michigan, um desses protestos foi realizado por uma milícia armada que entrou na sede do governo de assalto com espingardas.

**MAIOR CRISE DESDE 1929**

A economia dos EUA vive sua maior crise desde 1929. O FMI prevê um recuo de 5,9% da economia e alerta que o país enfrentará uma situação pior do que a vivenciada na Grande Depressão, na década de 1930.

O desemprego explodiu de 3,5%, antes da pandemia, para 14,7%, o mais alto em mais de 70 anos. Para efeito de comparação, na crise de 2009, a taxa máxima foi de 10%. É evidente que a população mais vulnerável são os negros, 16,7% dos desemprega-

dos, asiáticos e hispânicos, com 14,5% e 18,9% respectivamente.

Demitir nos EUA é um ato simples, pois o empregador não precisa pagar nenhum tipo de multa. O país também não tem um sistema de saúde pública, o que explica o alto índice de mortes por COVID-19. Aliás, muitos dos que morreram de COVID-19 foram enterrados como indigentes porque se um parente ou amigo fosse ao hospital para reconhecer o corpo, seria obrigado a pagar a conta pelo tratamento.

**1% MAIS RICOS AINDA MAIS RICOS**

Mesmo antes da pandemia, a desigualdade social no coração do capitalismo mundial já era assombrosa. Mais de 140 milhões de pessoas são pobres ou vivem com renda insuficiente para pagar suas contas, o que representa 43% da população do país, segundo a organização

gualdade aumentou de forma brutal depois da crise de 2009. Estima-se que 95% dos ganhos econômicos desde a recuperação da crise estão nas mãos de 1%. Segundo a Oxfam das oito pessoas ricas, seis são americanos e são donos de uma riqueza do mesmo tamanho que a da metade da raça humana junta.

**UM CAPITALISMO DECADENTE E RACISTA**

Enquanto isso, bilionários faturaram quase US\$ 500 milhões em meio à pandemia segundo um relatório da Americans for Tax Fairness e do Institute for Policy Studies. Enquanto isso, a população negra é assassinada e assediada pela polícia, e os trabalhadores essenciais nem sequer têm assistência médica garantida e um salário digno.

O todo poderoso EUA é o retrato do capitalismo decadente. No coração do sistema,

“Nos EUA, 1% dos milionários terão 70% da renda nacional em 2021. Das oito pessoas ricas, seis são americanos e são donos de uma riqueza do mesmo tamanho que a da metade da raça humana juntas.”

Poor People's Campaign.

Nos EUA, 1% dos milionários terão 70% da renda nacional em 2021 de acordo com uma projeção feita pelo Boston Consulting Group (BCG). A desi-

a desigualdade, o desemprego, a pobreza e o racismo se aprofundam e são o combustível para grandes rebeliões sociais que se chocam diretamente com o sistema.

**SOCIALISMO**

## A saída é revolucionária: de raça e classe!



O levante nos EUA precisa desenvolver comitês de organização de apoio, solidariedade e luta que organizem, de forma independente dos políticos e dos partidos burgueses (Democratas e Republicanos), a mais profunda solidariedade e apoio a essas manifestações, em particular entre os trabalhadores pobres e a população imigrante.

A luta escancara ainda mais a decadência do capitalismo. Não por acaso, ganha fôlego no país um debate sobre o socialismo, em particular entre

os jovens. Uma pesquisa do Instituto Gallup mostra que 51% deles têm uma visão positiva do socialismo.

Malcolm X alertava que “não há capitalismo sem racismo”. Antes dele, Carter Woodson, já explicava que “sob o atual sistema do capitalismo, o negro não tem chance de trabalhar por elevação na esfera econômica. A única esperança de melhorar sua condição a esse respeito é através do socialismo, o controle popular de recursos”.

A história comprova que

eles estavam certos. Mas para acabar com o sistema é preciso que a classe trabalhadora branca estadunidense supere o veneno do racismo contra negros, hispânicos e asiáticos. Só assim será possível libertar-se da exploração e da pobreza imposta por Trump e pelos capitalistas.

O capitalismo decadente não tem nada a oferecer a negros, hispânicos, asiáticos e trabalhadores brancos nos EUA e em nenhum lugar do mundo. O capitalismo precisa acabar.



## ARGENTINA

# Liberdade imediata a Sebastián Romero

O ativista argentino vinha sendo perseguido desde dezembro de 2017 pela participação nos protestos contra a reforma da Previdência do então presidente Mauricio Macri



DA REDAÇÃO

No dia 30 de maio, o ativista e companheiro Sebastián Romero foi preso no Uruguai. Sebastián é perseguido político desde o dia 18 de dezembro de 2017 por ter participado, junto a milhares de trabalhadores e trabalhadoras, da mobilização contra a reforma da Previdência, que foi um roubo brutal aos aposentados e aposentadas da Argentina.

O governo de Mauricio Macri, na época, e de sua ministra de Segurança, Patricia Bullrich, tentaram, na figura de Sebastián, demonizar a legítima mobi-

lização popular contra o ajuste. Isso apenas por se mobilizar em defesa dos aposentados. Há 29 meses, Sebastián não pode ver sua família, nem amigos e amigas, nem seus companheiros e companheiras de militância do PSTU da Argentina. Pelo mesmo motivo, seu companheiro de partido, Daniel Ruiz, esteve preso injustamente na Penitenciária de Segurança Máxima de Marcos Paz por 13 meses.

Hoje, Sebastián é um preso político, o que é inadmissível numa sociedade que se pretende democrática. O governo uruguaio, presidido por Luis Lacalle Pou, deve enviar Sebastián de

volta a seu país e permitir a ele comunicação imediata com sua família. Na Argentina, deve ser solto de imediato pelo governo de Alberto Fernández e pela Justiça argentina.

Ativistas, entidades, personalidades e organizações estão prestando solidariedade e exigem a libertação imediata de Sebastián. Participe também da campanha #SebastianRomero!

ACESSE



FAÇA PARTE  
DA CAMPANHA

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/2AB3RZO](https://bit.ly/2AB3RZO)

## CHILE

# Campanha pela liberdade dos presos políticos

O Movimento Internacional de Trabalhadores (MIT), a LIT-QI e o PSTU estão realizando uma ampla campanha para exigir liberdade aos presos políticos do Chile. Como resultado dessa ação de diferentes organizações, conseguiu-se que vários companheiros fossem liberados.

Essa campanha é indispensável, pois, em meio à pandemia causada pelo novo coronavírus, o governo de Sebastián Piñera mantém na prisão mais de 2 mil presos por lutar, detidos durante as mobilizações que começaram em 18 de outubro do ano passado. As prisões estão em situação catastrófica, sem possibilidade de visitas, sem água e com vários casos de infectados por COVID-19. É nítido que a política do governo visa eliminar fisicamente parte dos melhores lutadores da revolução.

Já existem três acusações em Santiago contra os presos políticos. A um deles, é pedido quase 15 anos de prisão, e a outro, 24 anos! Enquanto isso, os grandes ladrões empresariais têm aulas de ética e cumprem quarentena em suas casas confortáveis. Trata-se de um genocídio contra os pobres, contra os setores mais precarizados da classe trabalhadora.

É uma tentativa de silenciar nossa luta com a possível morte pela COVID-19.

## A REVOLUÇÃO AINDA ESTÁ VIVA

Muitos dos jovens que estiveram na vanguarda dos protestos hoje estão na “primeira linha” enfrentando a pandemia, organizando-se em centros de coleta, alimentação solidária, brigadas de saneamento, assembleias territoriais e outras organizações, muitas surgidas durante a revolução, para ajudar a organizar os setores mais abandonados nos quais o estado burguês está ausente.

Hoje, coloca-se que, diante da política assassina do governo, ou a revolução e as organizações que dela emergiram vencem a pandemia e a fome com autocuidado, organização e luta ou a pandemia pode levar boa parte de nossos lutadores.

## COMO POSSO PARTICIPAR DA CAMPANHA?

Envie sua foto ou vídeo exigindo liberdade aos presos por lutar para continuar massificando em todas as nossas redes! Publique tudo o que estiver relacionado à campanha em suas redes. Para isso, colo-



camos nosso Facebook, Instagram e Twitter à disposição.

Pressionemos o governo chileno, o Ministério do Interior e

o Ministério Público por meio de suas diversas redes para exigir: Liberdade imediata aos presos por lutar! Medidas sa-

nitárias em todas as prisões!

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/36VGF4D](https://bit.ly/36VGF4D)



## CULTURA

# Arte e cultura na UTI na pandemia



JORGE BREOGAN E VICENTE S.  
DO COLETIVO DE ARTISTAS  
SOCIALISTAS (CAS)

Foi aprovado no último dia 26, na Câmara dos Deputados, a Lei Aldir Blanc (PL 1075/2020), sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural enquanto as medidas de isolamento ou quarentena estiverem vigentes.

O setor cultural é importante para país, seja pela geração de emprego e renda, seja com a constituição de mais de 2% do PIB nacional. Isso significa que o setor emprega 5,2 milhões de trabalhadores, dos quais 2,4 milhões não têm renda fixa em função da instabilidade e da sazonalidade das atividades profissionais do setor cultural. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por

Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), mais da metade são mulheres (50,5%).

A informalidade de trabalhadores sem carteira, por conta própria e empregadores que não contribuem para a Previdência Social é grande. Esse tipo de ocupação aumentou de forma considerável na cultura. Em 2014, 38,3% (2 milhões) de trabalhadores culturais estavam na informalidade, enquanto, em 2018, esse percentual atingiu 45,2% (2,4 milhões de trabalhadores).

Com o início da pandemia, em todo o mundo, teatros, salas de cinemas, museus, livrarias, centros culturais, artistas de rua e das periferias tiveram suas atividades suspensas. Esses trabalhadores tiveram de ficar em casa e estão vivendo penúria para sobreviver.



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/3GIBARX](https://bit.ly/3GIBARX)

## CONTRA A CULTURA

## Governo prega o ódio contra a cultura no país



O governo já trata a cultura com total descaso e impõe uma instabilidade sem tamanho pelas incertezas do setor. Além de extinguir o Ministério da Cultura (MinC), transferiu-o para dois ministérios (Turismo e Cidadania), transformando-o em Secretaria Especial. Essa secretaria já acumulou cinco titulares.

Por sua vez, movido por um discurso ideológico de “guerra cultural”, o atual governo tem atuado na censura às manifestações e na difamação da classe artística brasileira.

Nesse momento, muitos artistas, que já sofriam grandes dificuldades pelo desmonte da cultura nos governos anteriores, têm a situação agravada com Bolsonaro. Veem-se duplamente atingidos, já que muitos não podem atuar.

Por essa razão, a Lei Aldir Blanc é bastante importante. O Coletivo de Artistas Socialistas (CAS), que também se soma a essa campanha, continua atento pela aprovação da medida no Senado e defende que o projeto seja pautado em caráter de urgência.

## MERCADORIA

## As lives e o controle da cultura



Com a pandemia, as lives e divulgações pela internet crescem e tomam proporções novas. Essa situação pode ser interpretada por muitos com uma abertura democrática na propagação de conteúdo. Mas aí novamente o capitalismo mostra que nada pode ser democrático dentro desse sistema.

A relação do capitalismo com a cultura sempre foi transformar a realização dos artistas que deveria ser livre em meros produtos do capital que podem ser comercializados e seguir conduções específicas e impostas.

Nas lives, essa relação também se expressa. De um lado, estão os que buscam realizar um trabalho livre, expressar

sua arte e tentar obter alguma renda para seu sustento e de sua família. Porém encontram a falta de acesso tecnológico para realização e conseguem muito pouco com essa “nova ferramenta” da apresentação artística.

Do outro lado, vemos grandes empresários que aproveitaram esse momento para lavar sua cara, organizando essas lives e ainda para fazer campanha de publicidade humanitária. Uma mentira descarada que só mostra o quão repugnante é esse sistema e a relação entre as grandes empresas e o povo.

Basta ver como é a realidade dos trabalhadores nas fábricas da Ambev, no Magazine Luiza, entre outras empre-

sas que patrocinam esse tipo de live. São empresas que durante a pandemia, obrigam os trabalhadores a seguir trabalhando e expondo-se ao risco de morte. Ou seja, eles estão levantando fundos para bancar o próprio massacre que fazem com os trabalhadores das próprias empresas? Estão pedindo que nós salvemos os assassinatos gerados por eles?

Cada um tem o direito de realizar ou consumir o que bem entenda dentro da cultura. Como dizia Trotsky, “toda liberdade a arte”, mas toda liberdade significa não estar sob o jugo de empresários. Isso não é liberdade, isso é controle e compra de interesses. A arte não tem nada a ver com isso.

Nós do CAS defendemos uma arte livre e soberana. Para isso, só existe uma maneira: derrubar o capitalismo e construir uma nova sociedade na qual os artistas possam ter autonomia para criar e desenvolver seu trabalho de forma livre, sem interesses específicos de um ou outro capitalista.

LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/3G02IYT](https://bit.ly/3G02IYT)



90 ANOS DE TONY TORNADO

# A força da música black no Brasil



LEIA NO SITE:  
[HTTPS://BIT.LY/2XTKTSY](https://bit.ly/2XTKTSY)

**Tony Tornado** completou 90 anos no dia 26 de maio. Pioneiro da black music brasileira no alvorecer dos anos 1970, o artista trouxe os passos e o suingue de James Brown ao país.

O menino de rua que ganhava a vida vendendo amendoim e engraxando sapatos foi aos Estados Unidos nos anos

1960, conheceu Tim Maia, que também estava por lá, e entrou em contato com a poderosa música negra de um país que fervilhava com a luta por direitos civis.

De volta ao Brasil, resolveu ser cantor. O sucesso veio com a sexta edição do Festival Internacional da Canção (FIC) em 1970. Tony Tornado ganhou a premiação de forma memorável. A vitória veio com a vigorosa interpretação da música BR-3 (de Antonio Adolfo e Tibério Gaspar), composição influenciada pelo funk e pelo soul de James Brown, cantada por Tornado ao lado do vocal do Trio Ternura. Esse grande momento da história da nossa música pode ser apreciado hoje no YouTube.

Em seguida, Tornado gravou dois álbuns solo, ambos intitulados Toni Tornado, lançados em 1971 e 1972. Os dois discos são imperdíveis e trazem o que havia de melhor em termos musicais da época. O primeiro tem arranjos orquestrais de Paulo Moura e

Waltel Branco. O segundo foi orquestrado com arranjos do pianista Dom Salvador. Se você ainda não conhece esses músicos, corre para escutar os discos de Tornado.

O cantor deu vazão à emergente black music brasileira gravando canções de artistas como Hyldon, Tony Bizarro, entre outros. Isso abriu a cena para outros artistas como Casiano e Sandra de Sá com seus olhos coloridos. Mais tarde, Tornado gravaria alguns singles, com sua carreira musical perdendo impulso comercial. Nos anos 1980, Tornado participou como ator de novelas e minisséries da Rede Globo.

A pouca repercussão comercial do álbum Toni Tornado de 1972 fez com que a carreira fonográfica do artista perdesse impulso. Tornado gravou singles em meados dos anos 1970, mas foi na década seguinte que reconquistou o Brasil, já então como ator.

Em 2016, participou de um clipe da canção “Mandamentos Black”, de Gerson King Combo, numa campanha de marketing da Netflix para divulgar a série The Get Down, sobre o surgimento do hip hop na década de 1970. No vídeo, também estão nomes como DJ Hum, Rael, Karol Conka, Back Spin Crew, MC Jack, Thaíde, entre outros, cujo talento mostra o vigor da música black feita no Brasil. As músicas desses artistas, assim como as de Tony Tornado, ainda agitam os melhores bailes do país.

DROGA

## Maduro defende cloroquina

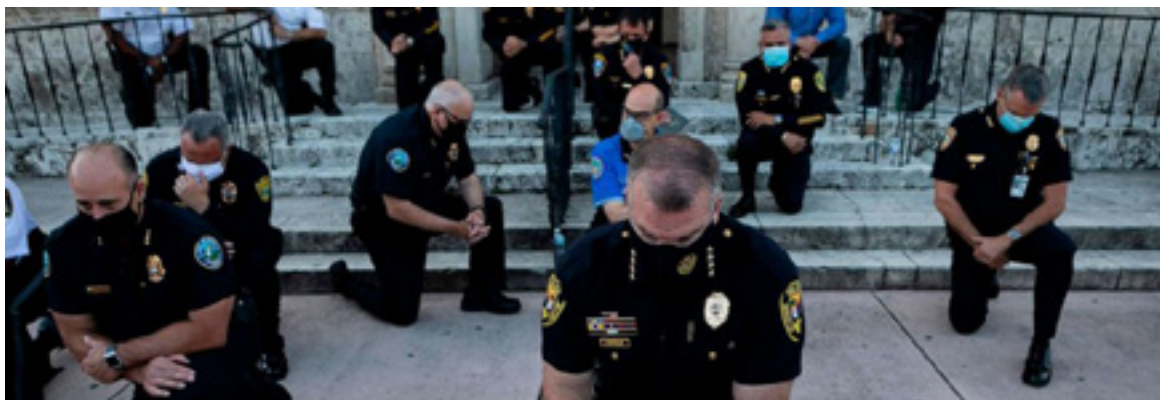
Não é só Bolsonaro defende o uso da cloroquina. Na Venezuela, o presidente Nicolás Maduro defendeu o uso da droga em pacientes com COVID-19. “Com eles, avançamos na produção de difosfato de cloroquina, medicamento eficaz para o tratamento da COVID-19. Sim, podemos, Venezuela”, escreveu o presidente no Twitter.

Um estudo realizado com 96 mil pessoas internadas com a doença em 671 hospitais de seis continentes mostra que o uso de hidroxiclороquina e cloroquina está ligado a um risco maior de arritmia e morte. Diante desse fato, a Organização Mundial da Saúde (OMS)

decidiu suspender os estudos com a droga. Apesar da decisão da OMS, o Ministério da Saúde no Brasil informou que vai manter as orientações que ampliam o uso da cloroquina...



EUA



## Ajoelhados por George Floyd

Os Estados Unidos vivem dias de fúria em protestos que se espalham por todo o país contra o racismo e a brutalidade policial, motivados pela morte de George Floyd, um homem negro que foi sufocado por um policial branco no dia 25 de maio, em Minneapolis. Ele estava desarmado e gritou diversas vezes “eu não consigo

respirar”, enquanto o policial Derek Chauvin ajoelhava-se sobre seu pescoço.

A maioria dos protestos tem sido reprimida com violência pela polícia. Uma cena de solidariedade, no entanto, chamou a atenção. No dia 30, manifestantes foram até a delegacia de Coral Gables, cidade do estado da Flórida, onde vive um

grande número de latinos. Os policiais apareceram, mas, ao invés de reprimir, ajoelharam-se e rezaram por Floyd junto com os manifestantes, que chegaram a abraçá-los emocionados. A cena viralizou nas redes e deixou em crise muitos policiais que estão recebendo ordens para ir às ruas e bater nas pessoas.